



# Parceria China e Rússia: bases reais para superar desconfiança histórica

*Russian China partnership: real bases to overcome historical mistrust*

DOI: 10.21530/ci.v15n2.2020.991

Giorgio Romano Schutte<sup>1</sup>  
Victor Sant'Anna Debone<sup>2</sup>

## Resumo

Na década de 1990, após o fim da União Soviética, a Rússia parecia estar condenada a um papel marginal e subordinado no sistema internacional. De outro lado, a China parecia ter conectado suas aspirações para o desenvolvimento, em parceria com os EUA. Dessa forma, uma aproximação entre Beijing e Moscou era considerada pouco provável. Isso mudou drasticamente a partir da primeira década de 2000 e, na segunda década, consolidou-se uma nova realidade na Eurásia. Trata-se de um processo a respeito do qual há divergência na literatura. De um lado, enfatiza-se o novo caráter estratégico dessa parceria e, de outro, valorizam-se suas contradições e fragilidades. A tese defendida neste artigo é a de que, para a compreensão da dimensão da relação China-Rússia, é preciso reconhecer a simultaneidade de novas visões entre as lideranças chinesas e russas, não somente a respeito do cenário internacional mas, sobretudo, acerca de suas aspirações para garantir o desenvolvimento de forma soberana. Serão analisados os principais componentes da parceria entre os dois países: as relações econômicas; a aproximação militar; a Organização para Cooperação de Xangai (SCO); a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI); a coordenação no Conselho de Segurança da ONU, e a diplomacia presidencial Putin-Xi.

**Palavras-chave:** Geopolítica; Parceria Eurásia; China; Rússia.

---

1 Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Amsterdam (1987) e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2003). Professor Associado na Universidade Federal do ABC (UFABC), credenciado nos Cursos de Relações Internacionais (BRI) e Ciências Econômicas (BCE), membro do corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em Economia Política Mundial (EPM) e em Relações Internacionais (PRI). Bolsista Produtividade CNPQ-2. Apoio CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5225-469X>; email: [giorgio.romano@ufabc.edu.br](mailto:giorgio.romano@ufabc.edu.br)

2 Bacharel em Relações Internacionais e em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Foi bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e da Fapesp. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2101-7277>; email: [debonev@gmail.com](mailto:debonev@gmail.com)

Artigo submetido em 22/08/2019 e aprovado em 29/03/2020.





## Abstract

In the 1990s, after the end of the Soviet Union, Russia looked condemned to a marginal and subordinated role in the international system. On the other hand, China seemed to have linked itself to the US to achieve its development aspirations. By this, a partnership between China and Russia didn't seem likely. This changed drastically since the beginning of 2000 and in the second decade, a new reality in Eurasia was consolidated. However, the literature diverges on how to analyze this process. On the one hand, emphasis is given to the new characteristics of this partnership. On the other, more attention is given to its contradictions and fragilities. Our thesis is that for an understanding of the dimension of China-Russian relations it is important to recognize the simultaneous changes in visions in China and Russian leadership. Not only regarding the international scene, but, even more important, also in relation to its aspiration for a sovereign national development process. To sustain this thesis the main aspects of the partnership will be analyzed: the economic relations; military cooperation; the Shanghai Organization for Cooperation (SCO); the Belt and Road Initiative (BRI); the coordination in the UN Security Council; and the presidential diplomacy of Putin and Xi.

**Keywords:** Geopolitics; Eurasia Partnership; China; Russia.

## Introdução<sup>3</sup>

Ao fim da Guerra Fria, os Estados Unidos emergiram como a grande e única superpotência, assumindo papel de liderança no sistema internacional, respaldados por suas capacidades militar e tecnológica, além de seu poder sobre o sistema monetário. No que se refere à Eurásia, os EUA se colocavam como árbitros de qualquer grande disputa, tendo poder suficiente para manipular ou confrontar a geoestratégia de todos os *players* da região. Esse quadro mudou a partir do final da década de 2000. Um dos fatores mais surpreendentes foi a consolidação da aproximação entre a China e a Rússia, objeto deste artigo. Brzezinski (1997), ao analisar, na década de 1990, potenciais ameaças à hegemonia dos EUA — às quais estes deveriam se antecipar — considerava o cenário de uma aliança Rússia-China menos provável. Fato é, porém, que a segunda década do século XXI foi marcada, entre outras coisas, por uma parceria cada vez mais forte entre a

---

<sup>3</sup> Este trabalho contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) — Código de Financiamento 001.





República Popular da China, sob a liderança de Xi Jinping, e a Federação Russa, sob a de Vladimir Putin.

Em perspectiva histórica, trata-se de um fenômeno inesperado e que pode ser entendido no contexto das rivalidades geopolíticas e geoeconômicas dos dois países com a aliança norte-atlântica (EUA e Europa). Acima de tudo, na perspectiva de Moscou, a emergência da China tende a se tornar um contrapeso na balança de poder do sistema internacional. Ao mesmo tempo, cresceu a distância entre os dois países em termos de poder econômico. O *boom* econômico que se verificou na República Popular da China no início do século XXI tornou-a mais poderosa e dinâmica do que a Federação Russa. O Produto Interno Bruto (PIB) da China em 1990 era equivalente ao da União Soviética. Em 2010, a economia chinesa já havia se tornado quatro vezes maior que a da Rússia e, em 2018, o PIB da China alcançou nível superior a oito vezes o da Rússia (World Bank Group 2019).

Um passo crucial no processo de reaproximação entre os dois países foram as negociações para a demarcação e a pacificação de 4.200 km de fronteira entre as duas nações, concluídas em meados de 2008. O que predominou em seguida, ao longo da década de 2010, foi uma visão estratégica compartilhada a respeito da integração da Eurásia. Além do interesse comum das duas potências em integrar-se à Ásia Central, a China se apresentou como parceira no desenvolvimento das regiões da Sibéria e do extremo oriente russo, sobretudo nos setores agrícola, mineral e de serviços e para a construção de infraestrutura para transporte, em particular de petróleo e gás natural. A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, na sigla em inglês) é o grande projeto que tem guiado os investimentos chineses em favor da integração da Eurásia. Enquanto isso, a Organização para Cooperação de Xangai (SCO) tem sido ampliada, tanto em número de países-membros quanto em escopo de atuação, e se tornou elemento central na nova parceria Rússia-China.

Neste artigo são analisados alguns eixos principais dessa nova parceria. Com isso, pretende-se contribuir para o debate a respeito do seu significado: se pragmático-conjuntural ou estrutural e duradouro. O ensaio tem seis seções, incluindo a introdução e as conclusões. Na segunda seção, será apresentado o debate acerca do significado da recente aproximação entre os dois países. Na terceira e na quarta, serão abordadas as mudanças de orientação interna na Rússia e na China, que explicam a nova base para a relação. Finalmente, na quinta seção serão apresentadas as várias componentes dessa parceria: as relações econômicas, a aproximação militar, a Organização para Cooperação de Xangai (SCO), a Iniciativa





Cinturão e Rota (BRI), a coordenação no Conselho de Segurança da ONU e a diplomacia presidencial Putin-Xi Jinping.

## O debate

Em 1997, no livro *The Grand Chessboard*, Zbigniew Brzezinski apresentou uma análise da geopolítica na Eurásia na conjuntura pós-Guerra Fria, sob a ótica do realismo estadunidense. O contexto da obra em questão era de consolidação do sistema internacional sob a ordem unipolar dos Estados Unidos, após a desintegração da União Soviética, cinco anos antes. O autor se inspirou no conceito de *heartland*, da geografia política de Mackinder, para destacar a centralidade geopolítica do território:

A Eurásia é o maior continente do globo e é geopoliticamente axial. Uma potência que dominasse a Eurásia controlaria duas das três regiões mais avançadas e economicamente produtivas. Um mero olhar sobre o mapa também sugere que o controle sobre a Eurásia quase automaticamente implicaria a subordinação da África, tornando o hemisfério ocidental e a Oceania geopoliticamente periféricos ao continente central do mundo (...). Felizmente, para [os Estados Unidos da] América, a Eurásia é grande demais para ser politicamente unificada (Brzezinski 1997, 31, tradução própria<sup>4</sup>).

Assim, evitar a formação de um bloco hegemônico contrário aos interesses dos EUA na Eurásia era crucial para manter sua liderança global (Brzezinski 1997).

Ao longo da década de 2000, Rússia e China consolidaram sua capacidade de garantir tanto a soberania do Estado em âmbito doméstico quanto a projeção de poder no âmbito global, em particular na Eurásia. Juntou-se a isso crescente aproximação entre os dois países. Diante dessa realidade, identificam-se duas posições distintas nas análises que passaram a ser propostas. A primeira relativiza essa aproximação e tenta enfatizar sua fragilidade e instabilidade. A segunda, ao contrário, entende que essa parceria se tornou parte das próprias estratégias de desenvolvimento e de política internacional de ambos.

---

4 Texto original: Eurasia is the globe's largest continent and is geopolitically axial. A power that dominates Eurasia would control two of the world's three most advanced and economically productive regions. A mere glance at the map also suggests that control over Eurasia would almost automatically entail Africa's subordination, rendering the Western Hemisphere and Oceania geopolitically peripheral to the world's central continent (...) Fortunately for America, Eurasia is too big to be politically one.





A tese do fraco potencial da parceria se baseia, em primeiro lugar, no padrão histórico de desconfiança. Gabuev (2015), por exemplo, enfatizou a força do “eurocentrismo” de Moscou. O autor deu como exempla crise com a Ucrânia em 2006, envolvendo o fornecimento de gás natural através do gasoduto que se estende até a Europa Ocidental. Moscou lançou um projeto em conjunto com a China pelo desenvolvimento de dois gasodutos transfronteiriços para mostrar sua capacidade de diversificação. Mas, quando o conflito foi resolvido, o tal projeto foi abandonado ao mesmo tempo em que Moscou priorizou o desenvolvimento do gasoduto Nord Stream I com a Alemanha. Percebendo que a Rússia estava apenas usando a China como forma de negociar com a Europa, os chineses iniciaram uma cópia maciça e sem licença de produtos militares de alta tecnologia russa, provocando temor, por parte dos russos, quanto à venda de suas armas mais avançadas (Gabuev 2015, 3). Além disso, Moscou teria receio de perder influência sobre os países da Ásia Central e até mesmo o controle total sobre a porção oriental de seu território, diante dos investimentos massivos da China na Ásia Central, na Sibéria e no Extremo Oriente do território russo.

Outro cético a respeito da consistência da parceria estratégica foi Bobo Lo (2017). Este autor reconheceu haver concordância entre Moscou em Beijing sobre uma ordem mundial em que os EUA seriam contrabalanceados por outras grandes potências, livre do intervencionismo liberal do Ocidente. E que os líderes da China e da Rússia teriam, de fato, ótima relação, com posicionamento conjunto em questões específicas e sem disputas sérias entre seus países. No entanto, o autor enfatizou as diferenças em termos de percepção sobre o futuro do sistema internacional, bem como em suas relações com os Estados Unidos (Lo 2017). Para Lo, as lideranças russas detinham uma visão essencialmente negativa sobre a ordem mundial constituída a partir da derrota soviética na Guerra Fria e, por este motivo, ansiavam pelo declínio da hegemonia estadunidense como oportunidade para a Rússia reassumir uma posição de liderança. Enquanto isso, o autor argumentava que a liderança chinesa sabe o quanto se beneficiou da globalização e que teria interesse em não fragilizar a estabilidade e a previsibilidade do sistema internacional. As lideranças chinesas viam a Rússia como um dos vários elos a sustentar a relação balanceada entre as duas potências líderes: China e Estados Unidos. A relação sino-americana, nesse sentido, seria diferente da estabelecida entre Rússia e EUA no século XXI, quase inteiramente caracterizada pelas tensões em disputas geopolíticas e, a partir de 2014, pelas progressivas sanções econômicas sobre a Rússia e o abandono da cooperação na redução de armas nucleares.





O autor ainda afirmou que os projetos regionais de Rússia e China teriam uma diferença fundamental. Na visão do autor, a agenda de Moscou estaria voltada basicamente para o Leste Europeu, para o Oriente Médio e para o Ártico. Por sua vez, a agenda de Beijing teria como prioridade desafiar a primazia regional dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico, isolar o Japão e projetar a força naval chinesa (Lo 2017).

Já o principal argumento que valoriza e enfatiza o significado histórico e duradouro da parceria sino-russa se baseia na crescente rivalidade com os EUA. Cox (2016) considerou bastante parecido o descontentamento de Rússia e China em relação à posição do Ocidente na governança de instituições internacionais e à má distribuição do poder no sistema normativo vigente. Isso não significaria, contudo, que a Rússia e/ou a China pretenderiam revolucionar a ordem dominante, mas tão somente defender mecanismos de garantia aos princípios da soberania e não-interferência (Cox 2016). O autor identificou a Guerra ao Terror como um fator importante que estimulou a aproximação. O combate global ao jihadismo até recebeu, em um primeiro momento, amplo apoio de Rússia e China, que reconheceram o terrorismo motivado pelo fundamentalismo islâmico como uma das principais ameaças não-tradicionais à segurança internacional. Ao longo dos anos, entretanto, as duas potências foram se posicionando contra o unilateralismo dos Estados Unidos, enxergando a Guerra ao Terror como instrumento em favor da reafirmação de sua hegemonia.

Em uma abordagem da Economia Política Internacional, Van der Pijl (2006) enfatizou o fator dinâmico da inserção internacional dos dois países no sistema internacional dominado pelo bloco ocidental liderado pelos EUA. O autor remete-se à lógica do que classificou como ‘Estado contendor’. A própria dinâmica do capitalismo liderado, primeiro pelo Império Britânico e, mais tarde, pelos Estados Unidos, forçaria as demais sociedades a integrarem esse sistema de forma subalterna ou a assumirem posição de contendores. Esta segunda opção pressupõe a existência de um bloco de poder interno, centralizado em torno de um Estado que busque superar os constrangimentos às suas aspirações de desenvolvimento e uma inserção internacional autônoma. O caráter autoritário do Estado nessa fase seria um fator crucial para mobilizar sua base social no esforço de *catch-up*. Essencialmente, a China e a Rússia buscariam evitar que as classes dominantes do Ocidente lograssem desestruturar a capacidade dos Estados contendores em manter a dinâmica das suas economias, contrariando, assim, os interesses de acumulação do centro, chamado pelo autor de “*Lockian heartland*”. A consistência da parceria





derivaria, nessa perspectiva, do entendimento, por parte das lideranças de ambos os países, de que ela contribuiria para seus projetos nacionais e para suas estratégias de inserção internacional, da mesma forma que as classes dominantes europeias teriam entendido, no pós-guerra, a vinculação com os EUA como funcional para sua estratégia de acumulação (Van der Pijl 2012).

Tratam-se de processos dinâmicos, não estáticos. Se a parceria sino-russa na década de 2000 tinha caráter mais pragmático e ainda fortemente marcado pela desconfiança, adquiriu nova dinâmica na década de 2010. Não se trata de desconsiderar o peso do padrão histórico de desconfiança, mas entender que outros fatores sobrepuseram-se. E a desconfiança parece ter sido desmontada a cada encontro entre Putin e Xi. Vários analistas russos (Bordachev 2014; Kashin 2014; Sharyshev 2016) defenderam, inclusive, a necessidade de superar a desconfiança histórica contra a China. Esses autores condenaram o que entenderam como o tradicional eurocentrismo russo<sup>5</sup> e o protecionismo, e defenderam a intensificação das relações com a China. No mesmo período, na própria China, vários autores defenderam a necessidade de reconhecer e tentar superar a desconfiança russa com relação à China. Yinhong (2015), por exemplo, enfatizou a tendência de redução drástica da influência dos EUA na Ásia, enquanto a China passou a ocupar posição dominante na região. O autor alertou, porém, para o “ressentimento e desconfiança” da Rússia, colocando como desafio central para a China diminuir essa desconfiança.

Diante dessa nova realidade, Brzezinski (2016) não desistiu de classificar China e Rússia como “dois Estados potencialmente ameaçadores<sup>6</sup>” (tradução própria). Dois anos depois, o próprio Departamento de Defesa dos EUA reforçou essa ideia ao declarar os dois países como prioridade para a sua atuação, considerando “a magnitude da ameaça que representam para a segurança e prosperidade dos EUA”<sup>7</sup> (Department of Defense 2018, 4).

Brzezinski (2016) apontou a necessidade para os EUA de garantir que pelo menos um dos dois se tornasse “um parceiro na busca de estabilidade regional e global<sup>8</sup>”. Diante da nova realidade o argumento não é mais a respeito da pouca probabilidade de uma aproximação Rússia-China, mas um chamado para que a

---

5 Ver a respeito da discussão sobre o caráter eurocentrista da Rússia: Segrillo (2016).

6 Texto original: *two potentially threatening states*.

7 Texto original: *...the magnitude of the threats they pose to U.S. security and prosperity*.

8 Texto original: *a partner in the quest for regional and then wider global stability*





Rússia entenda que seu futuro, “se agir inteligentemente<sup>9</sup>” (tradução própria), está em se perceber como um Estado-nação Europeu no âmbito do processo de integração desse continente. Caso contrário, a Rússia não teria capacidade de resistir ao que o autor vê como pressão demográfico-territorial da China e, mais em geral, subordinação à predominância chinesa. O autor ainda avalia que isso somente teria chance de acontecer na era pós-Putin.

## **A convergência de interesses entre dois Estados contendores**

A aproximação com a China, do ponto de vista da Rússia faz parte, em nossa análise, de sua estratégia nacional para se reerguer como uma potência regional com projeção global. Esta trajetória interna, crucial para o entendimento da relação que iria se desenvolver com a China, será recuperada na subseção seguinte. Ao mesmo tempo, a parceria que se formou na década de 2010 deve ser entendida também a partir de mudanças na própria China. No período pós-crise global de 2008, começou a surgir um novo pensamento na liderança chinesa, que iria se consolidar na presidência do Xi Jinping (Jiechi 2017). O contexto da nova estratégia chinesa será analisado em seguida.

## **O Ressurgimento da Rússia como Estado contendor e ator global**

Em 1991, após o colapso da União Soviética, Boris Yeltsin assumiu a primeira presidência da Federação Russa com um discurso pró-Occidente e em favor da modernização, via cooperação com a Europa e os EUA (Gordon 1996). A abertura abrupta e as medidas liberalizantes ao longo do governo Yeltsin tiveram efeito traumático para a sociedade russa. Em âmbito doméstico, cresceu o sentimento de estar sendo pressionado por um Occidente arrogante e predador, determinado a difundir seus valores liberais, ao mesmo tempo em que alimentava as oligarquias que haviam se formado com as largas privatizações do período de transição. Van der Pijl (2006) argumentou que a crise de 1998 da Rússia foi um momento crucial para derrubar ideias ingênuas sobre privatizações e democratização no país, abrindo espaço para que se criasse uma coalizão de forças visando a restauração

---

9 Texto original: *if it acts wisely*





de um Estado forte, preocupado com a reconstrução da soberania nacional e certa projeção internacional.

Vladimir Putin assumiu como presidente eleito em 2001 e manteve, em um primeiro momento, o discurso moderado, afirmando que a Rússia seria parte da cultura europeia e dando seguimento ao pacote de reformas iniciadas após a moratória de 1998 (Åslund 2008). Gradualmente, ao longo da década de 2000, o governo Putin optou por “um novo tipo de postura contendora [ao Ocidente], capitalista, mas com primazia restaurada para a direção estratégica pelo Estado” (Pijl 2006, 356, tradução própria<sup>10</sup>). Observa-se que os primeiros dois mandatos de Vladimir Putin (2001-2008) coincidiram com a alta dos preços do petróleo, o que permitiu a retomada da capacidade de investimento pelo Estado.

O próprio Vladimir Putin começou a defender maior relação com a China (“navegar nos ventos chineses”) e, em 2012, foi criado o Ministério para o Desenvolvimento do Extremo Oriente Russo. Poucos anos depois, o governo russo publicou o documento *Conceito de Política Externa da Federação Russa*, que enfatizou a relação com a República Popular da China. Primeiro, para promover conjuntamente a “liderança coletiva”, através do engajamento com grupos tais como o G20, BRICS, SCO e RIC. E, segundo, para afirmar que a Rússia continuaria a desenvolver com a China “uma parceria e cooperação estratégica abrangente”, baseada na confiança, e que “intensificaria proativamente a cooperação em todas as áreas”, incluindo a resolução de problemas regionais e globais urgentes, e a cooperação em organizações internacionais e associações multilaterais (Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation 2016).

A incorporação da Crimeia à Rússia, em março de 2014, foi um novo marco na já desgastada relação com o Ocidente. Os Estados Unidos e seus aliados reagiram com sanções econômicas e isolamento político: expulsão da Rússia do G8, suspensão do Conselho da Europa, congelamento do processo de adesão à OCDE e interrupção dos projetos de cooperação com a OTAN (Trenin 2014). No mesmo período, foi aberta outra frente para a Rússia projetar sua liderança regional baseada na força militar e diplomacia, em contraposição à política estadunidense: a Síria. Já em 2012, a administração Putin tinha se recusado a auxiliar a estratégia de Washington em derrubar o presidente Bashar al-Assad (Trenin 2014). Em 2013, os EUA terminaram por aceitar uma oferta de Putin de negociar um acordo

---

10 Texto original: *a new type of contender posture [to the West], capitalist but with restored primacy for strategic direction by the state, and under a broadly 'Eurasian' ideology, began to take shape after 1998.*





para operacionalizar a retirada de armas químicas do território sírio, o que — da perspectiva do Kremlin — simbolizou a retomada da “paridade diplomática” entre a Rússia e os Estados Unidos para assuntos de segurança (Tisdall 2018).

## China na era Xi Jinping

A partir da crise financeira de 2008 e, sobretudo, a partir da eleição do Xi Jinping em 2012, a China começou a buscar uma estratégia mais autônoma e assertiva. Para isso, ela precisaria, e poderia disputar o controle de tecnologias e mercados. Tais controles são pré-condição para que ela mesma possa organizar e centralizar cadeias globais de valor, subir na hierarquia da divisão internacional de trabalho e se apropriar de uma parcela maior do valor adicionado (Schutte e Debone 2018). Embora tenha projetado seu poder internacional a partir da sua força econômica, a China vem ampliando, em paralelo, sua musculatura militar em termos de capacidade ofensiva e sofisticação de aparato. Entre 2007 e 2016, aumentou em 118% os gastos com Defesa, registrando 13% dos investimentos totais do planeta em 2016, à frente da Rússia (3<sup>a</sup> colocada, com 4,1%) e atrás apenas dos Estados Unidos, com gastos ainda muito superiores, equivalentes a 36% do total (Sipri 2017).

A nova projeção internacional da China envolve o estabelecimento de uma nova relação com os EUA, de igual para igual. Isso implica desafiar a primazia norte-americana na Ásia, incluindo o Oriente Médio. Nesse contexto, Moscou surgiu como um parceiro fundamental. A ofensiva asiática da China tem como carro chefe o conjunto de projetos de desenvolvimento de infraestrutura física e digital em países de todo o continente asiático, através da BRI, que será abordada à frente.

Em votação na Assembleia Geral da ONU, 100 nações se puseram contrárias à incorporação da Crimeia pela Rússia, contra apenas 11 que se posicionaram a favor. A China se absteve. Essa abstenção não somente reforçou sua tradicional posição formal de neutralidade. Guangcheng (2015), pesquisador sênior da Academia Chinesa de Ciências Sociais, chamou a crise na Ucrânia de 2014 e as medidas tomadas pelo Ocidente de “*oportunidade estratégica*” para a China, porque “...*pode forçar a Rússia a se aproximar ativamente do Oriente e desenvolver relações mais estreitas com a China*”<sup>11</sup> (2015, 85, tradução própria).

---

11 Texto original: *...they may force Russia to actively approach the east and to develop closer relations with China.*





No caso do Oriente Médio, a China entendeu que a Rússia atuava também em favor de seus interesses, o que explica seu apoio à Rússia (Prashad 2019). A ideia era que a Rússia não ficasse isolada em seu movimento de desafio à política intervencionista dos Estados Unidos, sobretudo se for considerado o contexto das mencionadas sanções econômicas aplicadas pelo Ocidente à Rússia após a incorporação da Crimeia.

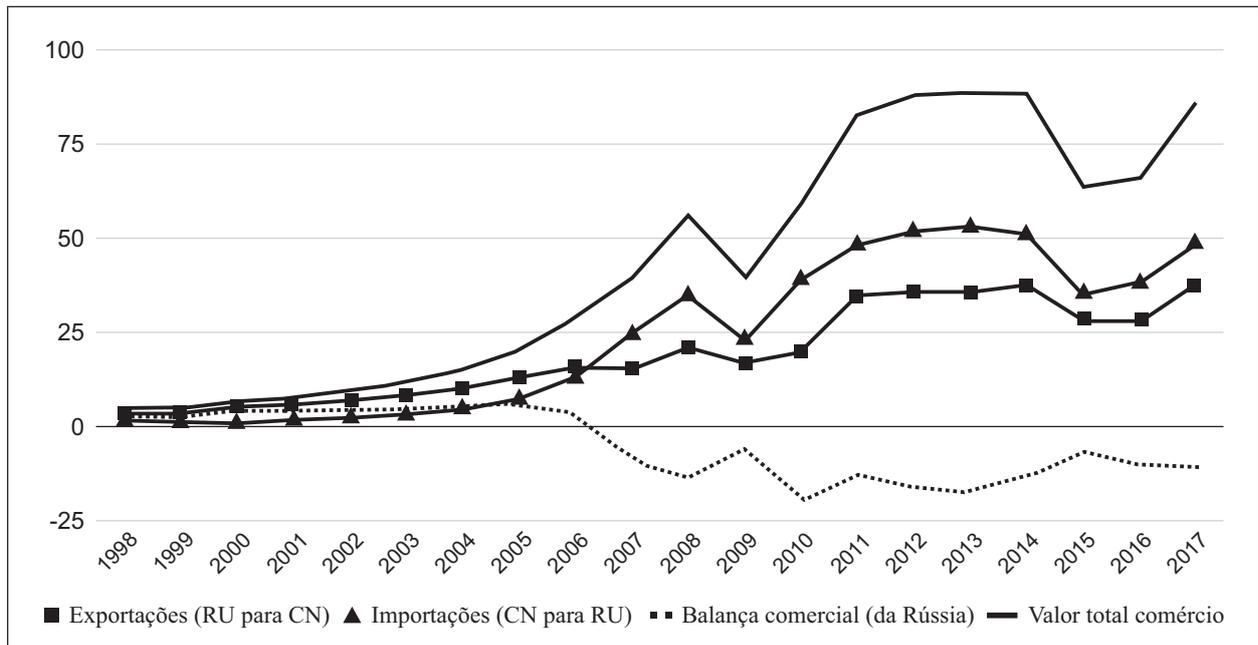
## **Superar a desconfiança — “Catching the Chinese wind”**

A seção anterior apontou para uma objetiva convergência, embora parcial, de interesses geopolíticos entre a Rússia e a China a partir de suas recentes estratégias nacionais. Apesar disso, ainda opera o mencionado histórico de desconfiança entre os dois países, a partir do qual divergências existentes podem ser acentuadas. Em seguida, serão apresentadas algumas áreas específicas para avaliar a solidez da parceria que se vem construindo: as relações econômicas; a aproximação militar; a Organização para Cooperação de Xangai (SCO); a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI); a coordenação no Conselho de Segurança da ONU; e a diplomacia presidencial Putin-Xi Jinping.

### **Relações Econômicas**

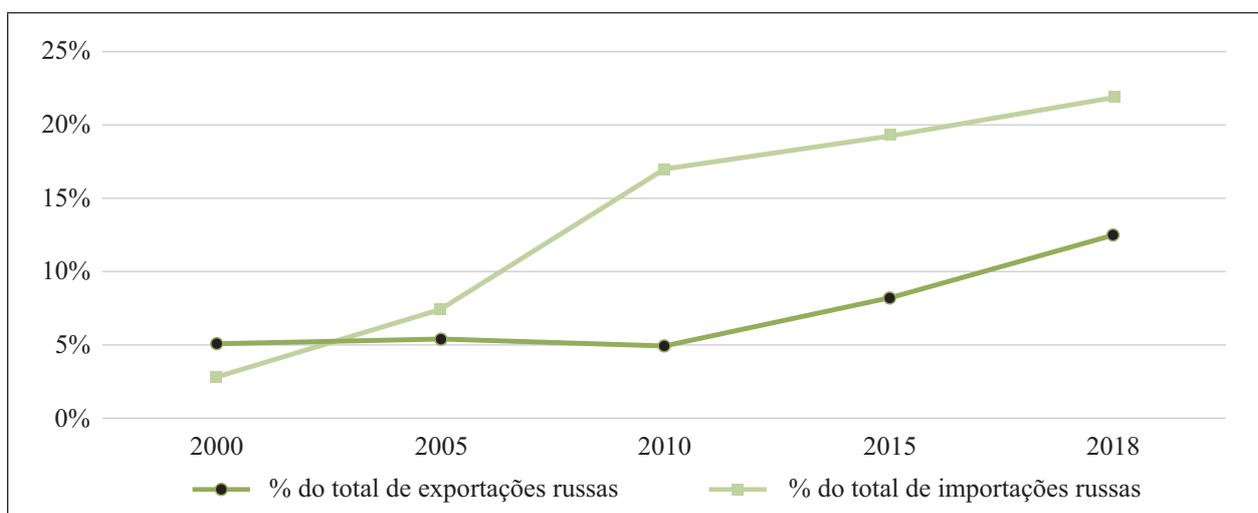
O comércio bilateral entre China e Rússia já tinha sido impulsionado pelo forte crescimento econômico que ambos os países tiveram ao longo da década de 2000. A China registrou a impressionante média de 10,4% ao ano entre 2000 e 2010, enquanto a Rússia atingiu média de 5,4% no mesmo período. Em 2001, a China era o terceiro principal destino das exportações russas e a sétima origem de importações. Como pode ser observado no Gráfico 1, houve forte aumento da corrente do comércio na década de 2010. É possível notar também a evolução da balança comercial e do volume total da circulação de bens entre os dois países, de 1998 a 2017. Com relação à inflexão existente em 2015, trata-se de consequência, sobretudo, da queda do preço do petróleo. Ela é seguida de recuperação relativamente rápida, reflexo, sem dúvida, do fortalecimento da parceria entre os países.



**Gráfico 1. Comércio Bilateral Rússia-China, 1998-2017 (em US\$ bilhões)**


Fonte: Elaboração própria com base em UN Comtrade Database.

As sanções de alcance progressivo, impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia sobre a Rússia, ampliaram a vulnerabilidade econômica do país, já fortemente afetado pela queda dos preços do petróleo a partir da segunda metade de 2014. Foi justamente esse contexto que evidenciou a China como a principal oportunidade para a economia russa. O Gráfico 2 mostra o constante crescimento da participação chinesa tanto como destino quanto como origem do comércio russo. A partir de 2017, a China consolidou-se como principal parceiro comercial da Rússia.

**Gráfico 2. Participação da China no total de importações e exportações da Rússia (2000-2018)**


Fonte: Elaboração própria com base em UN Comtrade Database.



Existe, porém, dupla assimetria. A primeira é o déficit comercial que a Rússia passou a ter com a China a partir de 2000. A segunda é que o comércio entre os dois países tem para a China um peso muito inferior ao que tem para a Rússia. Em 2017, a China era o destino de 10,4% das exportações russas e origem de 21,2% de suas importações. Já para a China, a Rússia é o destino de menos de 2% das exportações e origem de pouco mais de 2% das importações. Junta-se a isso um padrão centro-periferia na pauta comercial da Rússia. Estima-se que aproximadamente 70% das exportações da Rússia para a China sejam do setor de energia, enquanto as exportações da China para a Rússia são majoritariamente de maquinário, entre os quais equipamentos de exploração de petróleo negados pelo Ocidente a partir das sanções iniciadas em 2014.

Enquanto a Rússia estava à procura de mercados para suas exportações de petróleo e gás natural, a China se tornou, desde 2009, o maior consumidor mundial de energia primária. De fato, o principal fator de risco à segurança energética da China é sua crescente dependência das importações de petróleo, que, em 2018, corresponderam a aproximadamente 72% do fornecimento à demanda interna (BP, 2019). A cooperação bilateral entre Rússia e China no setor de energia logrou expressivo crescimento com a construção de oleodutos e intensificação do fluxo de navios petroleiros russos. Entre 2009 e 2017, a exportação de petróleo da Rússia para a China aumentou de 539 mil barris por dia (bpd) para 1,25 milhão bpd (BP 2010; BP 2018). Em 2015, a China superou a Alemanha como país que mais importava petróleo da Rússia (Bachman 2016). E, ao fim de 2016, a Rússia superou a Arábia Saudita como o maior fornecedor de petróleo para a China (Aizahu & Meng 2017). No caso do gás, 2019 marcou uma mudança significativa, com a inauguração do sistema *Power of Siberia*<sup>12</sup> (Gazprom 2018; Gazprom 2019), cujas obras foram iniciadas em 2014 pelas empresas Gazprom e CNPC e que compreende 3.170 km de dutos para o transporte de 38 bilhões de metros cúbicos (bcm) de gás natural.

Os dados mostram aumento significativo das relações econômicas em números absolutos e relativos. Isso é reflexo da crescente potência econômica da China, mas também da resposta russa às sanções econômicas impostas pelo Ocidente. O movimento aponta claramente para um fortalecimento da parceria, mas a solidez dependerá da habilidade chinesa em lidar com as assimetrias apontadas, garantindo real relação ganha-ganha.

---

12 De acordo com a Gazprom, em julho de 2018 as obras alcançaram 90,1% do plano de implementação, enquanto as instalações necessárias para a produção no campo de Chayadinskoye (pressuposto no projeto) estavam em 50%, sendo mantida a previsão de que o sistema seria inaugurado em dezembro de 2019.





## Aproximação militar

Em 2015, a parceria começou a se estender ao campo militar, ampliando seu caráter estratégico muito além do simbolismo da participação das tropas nas comemorações do 70º do fim da Segunda Guerra Mundial. Ainda em 2016, os dois países realizaram exercício militar naval conjunto, com duração de oito dias, no Mar da China Meridional. Foi o maior exercício conjunto até então. O fato de a operação ter sido realizada em águas disputadas pela China com Vietnã, Filipinas, Malásia, Brunei e Taiwan indicou apoio implícito da Rússia aos chineses na disputa<sup>13</sup> (Wildau 2016). Em seguida, foi realizado o *Joint Sea 2017*, no Mar Báltico, que demonstrou, por sua vez, o apoio de Beijing às reivindicações da Rússia sobre suas áreas de influência (Higgins 2017).

No ano seguinte, a Rússia quis dar uma demonstração de força, com a realização do *Vostok-2018*. Foi o maior exercício militar de sua história, superando o *Zapad-81*, o maior realizado na época da União Soviética<sup>14</sup>. Tropas chinesas e mongóis participaram junto com cerca de 300 mil soldados russos (Stewart e Rahman 2018). A China já havia participado de cerca de 30 exercícios militares com a Rússia entre 2003 e 2018, mas nunca em tal nível estratégico, como o do *Vostok-2018*. Observa-se que as forças armadas da China não entram em combate desde a Guerra do Vietnã, na década de 1970. Assim, o documento sobre a estratégia de defesa do Conselho de Estado da China, lançado em 2019, enfatizou o alto nível das relações militares no âmbito da “parceria estratégica compreensiva” (The State Council Information Office of the People’s Republic of China 2019, 30). A aproximação no campo militar tem grande significado histórico e é um terreno no qual a Rússia aparece como parceiro poderoso, o que compensa, de certa forma, a assimetria no campo econômico. Essa parceria tende a agravar, inclusive, a tensão entre a Rússia e o Ocidente, o que, por sua vez, reforça a opção pela China.

## Organização para Cooperação de Xangai (SCO)

Embora relacionado ao item anterior, cabe ressaltar, de forma separada, a Organização para a Cooperação de Xangai (SCO, na sigla em inglês), que contribuiu

---

13 Dias antes, na Cúpula do G20 em Hangzhou, o presidente Putin já havia manifestado seu apoio à China em instância da Corte de Haia sobre o assunto, afirmando também que o envolvimento de potências não-regionais seria contraproducente.

14 *Vostok* significa “leste” e *zapad* significa “oeste”, em russo.





fortemente para a reaproximação entre China e Rússia. A SCO foi criada em 2001, a partir do *Shanghai Five*, formado cinco anos antes, cujo objetivo era promover a segurança nas fronteiras entre China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão (Chung 2004). Desde 2002, houve exercícios militares conjuntos. À medida que a SCO incorporou outros países e ampliou sua agenda, consolidou-se como a principal organização regional no continente, sem nenhuma participação dos EUA. Em 2005, a Declaração da Cúpula do SCO, em Astana, defendeu a criação de um cronograma definitivo para a retirada das forças norte-americanas das bases militares na Ásia Central. Mantendo como prioridade o desenvolvimento da segurança coletiva na região, a SCO também passou a funcionar como articulação regional de caráter multifuncional, com objetivos que vão desde o desenvolvimento econômico até a criação de uma zona de paz e estabilidade com preocupações humanitárias, socioculturais e de proteção à saúde e ao meio ambiente (Molchanov 2017).

Ao fim de 2019, os membros permanentes da SCO eram os cinco que compunham o grupo *Shanghai Five*, somados ao Uzbequistão (admitido em 2001), à Índia e ao Paquistão (admitidos em 2017<sup>15</sup>). Os membros observadores incluem Mongólia (desde 2004), Afeganistão (desde 2012), Belarus (desde 2015) Irã (desde 2016), enquanto status de “parceiro de diálogo” foi dado a Armênia, Azerbaijão, Camboja, Nepal (desde 2008), Turquia (desde 2012) e Sri Lanka (desde 2015). A política do governo Trump acabou fortalecendo o papel da SCO, ao criar tensões simultâneas com a China (guerra comercial), com a Rússia (em constante tensão enquanto não suprirem as sanções econômicas) e com o Irã (rompimento unilateral do Acordo Nuclear e intensificação das sanções). Isso acabou acelerando, inclusive, o processo de adesão do Irã à SCO (Lateigne 2018).

No referido processo existe, conforme observado por Molchanov (2017), uma disputa interna entre Beijing e Moscou na SCO. A China tem se empenhado em aprofundar a pauta econômica, enquanto o governo russo mostrou certa resistência em avançar na integração econômica. Para Moscou, é mais seguro consolidar a zona de livre comércio apenas com os membros da Comunidade Econômica Eurásiana (EurAsEC), sob sua liderança, ao mesmo tempo em que concentra esforço em atuar militarmente na Ásia Central, através da Organização do Tratado

---

15 Em 2017, chegou-se ao acordo sobre a aceitação da Índia e do Paquistão como novos membros, que ampliou significativamente o alcance geográfico da organização. A China manteve, historicamente, boas relações com o Paquistão, enquanto com a Índia as relações são mais complexas, envolvendo o próprio conflito da Caxemira. Não obstante, as autoridades em Beijing sabem o quão importante seria a adesão completa e ativa da Índia à SCO e à BRI para o avanço da sua estratégia na Eurásia.





de Segurança Coletiva (CSTO). Ainda assim, vale notar que o secretariado da SCO e as declarações das Cúpulas presidenciais sempre tiveram o cuidado de enfatizar a sinergia com a EurAsEC e o CSTO, bem como com a BRI, a ser abordado na próxima subseção.

Em resumo, a SCO tem se mostrado importante espaço para aproximação e articulação multilateral entre seus Estados-membros. Não obstante a disputa pela liderança entre a Rússia e a China, ela fortaleceu ainda mais a parceria entre os dois, sempre em torno de uma pauta ligada às tensões com o Ocidente, em particular com os EUA.

## Iniciativa Cinturão e Rota (BRI)

Em 2013, o presidente da China Xi Jinping lançou a iniciativa *One Belt One Road* (OBOR), que, anos mais tarde, teve o nome alterado para Iniciativa Cinturão e Rota (BRI na sigla inglesa: *Belt and Road Initiative*). A BRI abrange cinco vetores de conectividade: desenvolvimento de infraestrutura (dutos, linhas de transmissão elétrica e ferrovias), coordenação de políticas públicas, facilitação do comércio, integração financeira (intercâmbio em moedas locais) e ampliação do intercâmbio e diálogo direto entre os cidadãos (Makocki e Popescu 2016). A Iniciativa compreende ainda os corredores marítimos pelo Oceano Índico e o suporte financeiro do Fundo da Rota da Seda e do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) (Standard Chartered Bank 2019).

O corredor *China-Central Asia-Western Asia*, elemento fundamental da Iniciativa, tinha potencial para provocar a Rússia em sua capacidade de liderança política na Ásia Central. As ambições geoestratégicas que o projeto suscita poderiam ter levado à reafirmação da desconfiança por parte de Moscou. Em sua resposta à mencionada pergunta “como diminuir a desconfiança da Rússia?”, Yinhong (2015) enfatizou a necessidade de usar a BRI não para diminuir, mas para reforçar a soberania nacional do parceiro e deixar claro que não haverá um componente militar embutido na Iniciativa. Foi nessa direção que a liderança chinesa operou ao apresentar a BRI como um projeto inclusivo e com a promessa de que parte da Rota da Seda passaria pela Rússia. Esse processo foi reforçado com a presença de destaque de Putin, em maio de 2017, no primeiro *Belt and Road Forum for International Cooperation* (BRFIC). Em 2019, ao participar como convidado de honra do Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo (SPIEF), Xi discursou sobre a “parceria estratégica abrangente” com





a Rússia, associando a expansão da BRI à agenda de desenvolvimento sustentável da ONU. Na ocasião, enfatizou ainda a complementariedade da BRI com a União Econômica Eurasiana (EAEU), uma iniciativa russa. Isso demonstraria, na visão do líder chinês, que a BRI seria consistente com a ideia de Putin de uma “*Grande Parceria Eurasiana*” (Jinping 2019).

Sem dúvida, é em torno da BRI que a China precisará mostrar capacidade diplomática e de liderança para não antagonizar os interesses econômicos e geopolíticos russos. Existe, porém, clara disposição por parte das lideranças de ambos os países de superar a inicial e natural desconfiança russa diante da Iniciativa.

## **Coordenação no Conselho de Segurança**

Já em 1997, Rússia e China tinham assinado a *United Nations Joint Declaration on a Multipolar World and the Establishment of a New International Order* (United Nations 1997), documento que serviu de referência para condenarem conjuntamente as intervenções ocidentais nos Bálcãs e no Afeganistão, Iraque, Irã, Mianmar, Sudão, Zimbábue e Quirguistão (Samokhvalov 2017). Em 1998, foi a primeira vez em que a Rússia e a China atuaram abertamente em conjunto no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CS-ONU), contrapondo-se à ação do governo Bill Clinton em bombardear o Iraque, sem, porém, fazer uso do poder de veto (Harris e Goshko 1998). No ano seguinte, os dois países novamente se opuseram aos ataques liderados pelos EUA em Belgrado (United Nations 1999). E, em 2003, ambos se manifestaram contra a invasão dos EUA no Iraque.

Entre 2007 e meados de 2019, a China e a Rússia agiram de maneira conjunta para vetar nove resoluções no CS-ONU, sendo seis delas sobre a Síria e uma sobre a Venezuela. China e Rússia somaram, ainda, vetos contra uma resolução proposta pelos EUA e o Reino Unido sobre a situação política em Mianmar (United Nations 2007) e contra uma proposta de EUA, França, Reino Unido e outros nove Estados sobre a situação política no Zimbábue (United Nations 2008). Em fevereiro de 2019, Rússia e China mais uma vez se posicionaram lado a lado para vetar a resolução proposta pelos Estados Unidos junto ao Conselho de Segurança da ONU referente à Venezuela (United Nations 2019).

Segundo Alexander Lukin (2018), tanto Rússia quanto China valorizam o CS-ONU como a mais alta autoridade na esfera da segurança internacional, pois seus direitos de veto nessa instância igualam sua influência com a do Ocidente.





Observa-se, porém, que o uso do veto tem um histórico na Rússia da época da União Soviética. Não é o caso da China, que se notabilizou mais pela abstenção no caso de não concordância. Assim, do total de 12 vetos já realizados pela China no CS-ONU até 2019, nove deles foram a partir de 2007 e em companhia da Rússia. Isso mostra que: i) conforme a China começou a se projetar para a economia global, foi crescendo o seu interesse por engajar-se em questões de segurança nas mais diversas regiões do globo; ii) embora Moscou e Beijing não possuam visões idênticas sobre questões de conflito e segurança internacional, percebem sua proximidade diante dos demais membros permanentes do Conselho. Por este motivo, empenham-se em dar apoio mútuo e agir de forma articulada, com o objetivo de ganhar maior poder de influência em instâncias internacionais (Ferdinand 2013). Na visão de Stent, “Beijing e Moscou claramente têm um acordo para apoiar as posições uns dos outros nas Nações Unidas e não interferir em seus respectivos interesses na Síria, na Ucrânia ou no Mar do Sul da China” (Stent 2018, p. 8, tradução própria)<sup>16</sup>. A convergência e o diálogo sobre segurança internacional representam uma frente de estreitamento das relações entre China e Rússia. Ao mesmo tempo, há de se observar que o que os une é mais uma rejeição à dominação pelo Ocidente de que visões comuns sobre uma nova ordem internacional.

## Diplomacia presidencial Putin-Xi

Embora os principais fatores explicativos devam ser buscados nas questões estruturais, há de se destacar o papel fundamental do protagonismo da relação entre os dois presidentes, Xi Jinping e Valdimir Putin, ambos convencidos de liderar seus países em um momento crucial para a afirmação da sua soberania diante das tentativas do bloco ocidental, liderado pelos EUA, de reorganizar e manter seu papel de liderança na economia e política internacional (Schutte, 2019).

Entre 2013 e 2019, os presidentes Xi Jinping e Vladimir Putin encontraram-se 28 vezes, reforçando a proximidade e a confiança recíproca entre os dois líderes. Assim, poucos dias depois de assumir a presidência, Xi Jinping fez sua primeira viagem justamente à Rússia. O ano de 2015 foi marcado pelas cerimônias relacionadas ao fim da II Guerra Mundial: em 9 de maio de 2015, Xi esteve na Praça Vermelha, em Moscou, para assistir ao desfile militar em homenagem ao

---

<sup>16</sup> Texto original: *Beijing and Moscow clearly have an agreement to support each other's positions in the United Nations and not to interfere with their respective interests in Syria, Ukraine, or the South China Sea.*





70º aniversário da vitória de Moscou sobre o exército da Alemanha nazista em 1945, com tropas chinesas e russas marchando juntas, pela primeira vez, na Praça Vermelha. E, em 3 de setembro, Putin participou da celebração do 70º aniversário da vitória da “Guerra de Resistência do Povo Chinês contra a Agressão Japonesa e da Guerra Antifascista Mundial”, com tropas russas marchando pela primeira vez na Praça Tianamen. (Cox 2016, 6).

Observa-se também o forte componente simbólico e midiático presente nas manifestações de aproximação das duas nações. Exemplos são a condecoração de Xi Jinping com a Ordem do Apóstolo Santo André, em 2017, seguida, em 2018, pela premiação de Putin com a Medalha de Amizade da República Popular da China, no Grande Salão do Povo, em Beijing. Nesse mesmo ano Putin e Xi assistiram a uma partida amistosa entre as seleções de *hockey* da Rússia e da China, em Tianjin, prepararam panquecas juntos e brindaram publicamente com vodca, nos bastidores do *Eastern Economic Forum* (EEF), em Vladivostok. Ninguém deveria ter nenhuma dúvida de que as relações bilaterais entre China e Rússia estavam no seu melhor momento histórico.

Chamou igualmente atenção o esforço dos dois líderes para envolver o primeiro ministro da Índia, Narendra Modi. Rajagopalan (2019) caracterizou essa estratégia de “*charm offensive*”. Modi se elegeu em 2014 com uma agenda mais próxima aos EUA. A fórmula foi a recuperação da ideia do RIC (Rússia, Índia e China)<sup>17</sup>. O primeiro encontro foi no final de 2018, na cúpula do G20, em Buenos Aires. Xi destacou que, nos últimos dez anos, China, Rússia e Índia tornaram-se importantes parceiros no âmbito do G-20, do BRICS e da Organização para Cooperação de Xangai, e sugeriu que os três países defendam um novo tipo de relações internacionais (Xinhuanet 2018). Um segundo encontro dos três líderes ocorreu no ano seguinte, durante a SCO, no Quirquístão. Logo depois, houve uma terceira reunião, à margem do G-20, em Osaka, Japão. Este terceiro encontro ganhou mais destaque pelo momento de tensão entre a China e os EUA (Escobar 2019)<sup>18</sup>. Assim, entende-se que a diplomacia presidencial conjunta dos dois líderes serve não somente para dar uma sinalização ao Ocidente, mas também para fortalecer a política de aproximação diante das suas respectivas opiniões públicas.

---

17 Trata-se de uma iniciativa do então primeiro ministro da Rússia Yevgeny Primakov no final da década de 1990 para contrabalançar a aliança ocidental. Ela nunca tomou forma e foi superada pelo surgimento do BRICS, lançado em 2008.

18 A consolidação do diálogo de líderes do RIC gera questionamentos com relação a uma relativa fragilização do BRICS. É plausível supor que havia certa desconfiança de Jinping e Putin em relação ao novo governo que tinha tomado posse no Brasil.





## Conclusões

O que pareceria pouco provável na década de 1990 tornou-se realidade nas duas décadas seguintes: a formação de uma parceria entre a Rússia e a China. Diante desse fato, a literatura se divide entre quem enfatiza o novo caráter estratégico dessa parceria e, de outro lado, quem reforça suas contradições, desconfianças e fragilidades.

Tentou-se demonstrar que o aumento do intercâmbio nas áreas econômica e política transitou para uma mudança qualitativa, visando principalmente uma coliderança na região euroasiática. Em um primeiro momento, ainda muito impregnado pela histórica desconfiança e com caráter defensivo, era justificado enfatizar tratar-se de uma relação pouco estável e induzida basicamente pelo pragmatismo. Já a partir do final dos anos 2000 e, sobretudo, com a consolidação da uma nova postura da China sob liderança do Xi Jinping, a parceria tornou-se cada vez mais estratégica. Há uma base material forte na relação entre os dois países. Enfatizou-se, nesse artigo, o papel estratégico que tem para a China o comércio bilateral de recursos energéticos com a Rússia e a capacidade da Rússia em desafiar os Estados Unidos nas áreas militar e nuclear.

Trata-se, assim, de uma Eurásia que aspira livrar-se da influência dos EUA mas, principalmente, defender seus próprios anseios de desenvolvimento com soberania nacional. O avanço dos projetos de interligação física e digital no âmbito da BRI e a consolidação de organizações regionais como a SCO estão gerando uma nova realidade geopolítica e geoeconômica.

Por outro lado, trata-se de uma dinâmica complexa. As desconfianças históricas estão ainda presentes. E, primordialmente, há inegável assimetria nas relações econômicas. A Rússia exporta matérias-primas, e a China, manufaturas de maior valor agregado. Ao mesmo tempo, a economia chinesa tem se tornado, nas últimas décadas, muito maior e mais dinâmica do que a russa. Esse desequilíbrio é compensado pela experiência militar e força nuclear russa.

Trata-se de um processo em curso, que depende muito da capacidade dos dois países de manter sua coesão social interna que, conforme atesta Van der Pijl (2014), é essencial para manter a postura de Estado contendor diante da supremacia ainda presente do capitalismo anglo-saxão. O que prevalece na segunda década de 2000 é a consciência mútua de que essa parceria é parte da vocação de cada país de ser uma potência, com direito de e capacidade para ocupar seu espaço fora da tutela e da influência dos EUA.





## Referências

- Aizhu, Chen; meng, Meng. 2017. Russia beats Saudi Arabia as China's top crude oil supplier in 2016. Reuters, London, 23 jan. Disponível em: < [www.reuters.com/article/us-china-economy-trade-crude/russia-beats-saudi-arabia-as-chinas-top-crude-oil-supplier-in-2016-idUSKBN1570VJ](http://www.reuters.com/article/us-china-economy-trade-crude/russia-beats-saudi-arabia-as-chinas-top-crude-oil-supplier-in-2016-idUSKBN1570VJ) > .
- Åslund, Anders. 2008. An Assessment of Putin's Economic Policy. Washington: Peterson Institute for Economic Policy.
- Bachman, Jessica. 2016. China overtakes Germany as Russia's top crude consumer. RT, Moscow, 14 mar. Disponível em: < <https://on.rt.com/76ve> > .
- Bordachev, Timofei. 2014. Eurasian Russia in the twenty-first century. In: LIIK, Kadri. Russia's Pivot to Eurasia. Londres: European Council on Foreign Relations.
- Brzezinski, Zbigniew. 2016. Toward a Global Realignment. Strategic Vision. The American Interest. Vol 11, n° 6, Abril.
- Brzezinski, Zbigniew. 1997. The Grand Chessboard.:American primacy and its geostrategic imperatives. New York, NY: BasicBooks.
- Chung, Chien-peng. 2004. The Shanghai Cooperation Organization: China's changing influence in Central Asia. The China Quarterly, 180 (December), 2004. 989-1009.
- Cox, Michael. 2016. Not just 'convenient': China and Russia's new strategic partnership in the age of geopolitics. Asian Journal of Comparative Politics, 1 (4). 317-334.
- Department of defense. 2018. Sharpening the American Military's Competitive Edge. National Defense Strategy of The United States of America. Washington.
- Escobar, Pepe. 2019. Russia-India-China share a room with a view. In:Asia Times. Hong-Kong: op-ed, 29 jun. Disponível em: < [asiatimes.com/2019/06/article/russia-india-china-share-a-room-with-a-view/](http://asiatimes.com/2019/06/article/russia-india-china-share-a-room-with-a-view/) > .
- Ferdinand, Peter. 2013. The positions of Russia and China at the UN Security Council in the light of recent crises. Brussels, Directorate-General for External Policies of the European Union. Disponível em: < [europarl.europa.eu/RegData/etudes/note/join/2013/433800/EXPO-SEDE\\_NT\(2013\)433800\\_EN.pdf](http://europarl.europa.eu/RegData/etudes/note/join/2013/433800/EXPO-SEDE_NT(2013)433800_EN.pdf) > .
- Gabuev, Alexander. 2014. "The development of the Russian Far East". In LIIK, Kadri. Russia's Pivot to Eurasia. Londres: European Council on Foreign Relations.
- Gabuev, Alexander. 2015. A "soft alliance"? Russia-China relations after Ukraine crisis. London: European Council for Foreign Relations.
- Gazprom. PJSC Gazprom Annual Report 2016: The power within. Moscou: PJSC Gazprom. Disponível em: < [gazprom.com/f/posts/44/307258/gazprom-annual-report-2016-en.pdf](http://gazprom.com/f/posts/44/307258/gazprom-annual-report-2016-en.pdf) > .





- Gazprom. 2018. Power of Siberia gas pipeline completed by 90.5 per cent, 1,954 kilometers built. Gazprom News and Events, Moscow, 25 jul. Disponível em: < [www.gazprom.com/press/news/2018/july/article446731/](http://www.gazprom.com/press/news/2018/july/article446731/) > .
- Gazprom. 2019. Gazprom and CNPC discuss ongoing preparations for gas supplies to China via Power of Siberia. Gazprom News and Events, Moscow, 07 jun. Disponível em: < [www.gazprom.com/press/news/2019/june/article482074/](http://www.gazprom.com/press/news/2019/june/article482074/) > .
- Guangcheng, Xing. 2015. The Ukrainian Crisis in 2015 and Russia's Choice. Contemporary International Relations. Vol. 25, N° 2, March/April.
- Gordon, Michael R. 1996. Russia and I.M.F. agree on a loan for \$10.2 billion. The New York Times, New York, 23 fev. Section A, Page 1. Disponível em: < [www.nytimes.com/1996/02/23/world/russia-and-imf-agree-on-a-loan-for-10.2-billion.html](http://www.nytimes.com/1996/02/23/world/russia-and-imf-agree-on-a-loan-for-10.2-billion.html) > .
- Harris, John F.; goshko, John M.. 1998. Decision to strike Iraq nears. The Washington Post, Washington, 24 jan. Page A01. Disponível em: < [www.washingtonpost.com/wp-srv/inatl/longterm/iraq/stories/nears012498.htm?noredirect=on](http://www.washingtonpost.com/wp-srv/inatl/longterm/iraq/stories/nears012498.htm?noredirect=on) > .
- Higgins, Andrew. 2017. China and Russia hold first joint naval drill in the Baltic Sea. The New York Times, New York, 25 jul. Disponível em: < [www.nytimes.com/2017/07/25/world/europe/china-russia-baltic-navy-exercises.html](http://www.nytimes.com/2017/07/25/world/europe/china-russia-baltic-navy-exercises.html) > .
- Jiechi, Yang. 2017. Study and Implement General Secretary Xi Jinping's Thought on Diplomacy in a Deep-going Way and Keep Writing New Chapters of Major-Country Diplomacy with Distinctive Chinese Features. Beijing, julho. Disponível em: < [http://www.xinhuanet.com/english/2017-07/19/c\\_136456009.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2017-07/19/c_136456009.htm) > .
- Jinping, Xi. 2019. President Xi Addresses SPIEF in Russia. CCTV Video News Agency, Beijing, 07 jun. Disponível em: < [www.youtube.com/watch?v=7UB4HnruZVo](http://www.youtube.com/watch?v=7UB4HnruZVo) > .
- Kashin, Vassily. 2014. "Russia turns to Asia". In LIIK, Kadri. Russia's Pivot to Eurasia. Londres:European Council on Foreign Relations.
- Lo, Bobo. 2017. A wary embrace: what the China-Russia relationship means for the world. Project on International Order and Strategy. Washington-DC, Brookings Institution, maio.
- Lukin, Alexander. 2018. A Russian Perspective on the Sino-Russian Rapprochement. Asia Policy, vol. 13, n. 1, 1-45.
- Makocki, Michael; popescu, Nicu. 2016. China and Russia: an eastern partnership in the making? Paris: European Union Institute for Security Studies.
- Ministry of foreign affairs of the russian federation. 2016. Foreign Policy Concept of the Russian Federation. Moscou, dezembro. Disponível em: < [mid.ru/en/foreign\\_policy/official\\_documents/-/asset\\_publisher/CptlCkKB6BZ29/content/id/2542248](http://mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptlCkKB6BZ29/content/id/2542248) > .
- Molchanov, Mikhail A. 2017. "Russia-China relations in Central Asia and the SCO". In LANE D.; ZHU G. Changing Regional Alliances for China and the West. Lanham: Lexington Books.





- Prashad, Vijay. 2019. For the reasons that follow, that country is not likely to be the United States. *Tricontinental Newsletter*, n° 28, julho.
- Rajagopalan, Rajeswari P. 2019. Russia-India-China Trilateral Grouping: More Than Hype? *The Diplomat*, julho.
- Samokhvalov, Vsevolod. 2017. Russia and its shared neighbourhoods: a comparative analysis of Russia-EU and Russia-China relations in the EU's Eastern neighbourhood and Central Asia. *London: Contemporary Politics*, 24:1, 30-45.
- Schutte, Giorgio R. 2019. A busca da hegemonia americana 3.0 e a ascensão chinesa: entre a transnacionalização do capital e a volta do conflito interestatal. *Mundo e Desenvolvimento*, Vol. 1 n° 2.
- Schutte, Giorgio R.; de bone, Victor Sant'Anna. 2018. A expansão dos investimentos externos diretos chineses. O caso do setor energético brasileiro. *Conjuntura Austral*, v. 8, 90-114.
- Segrillo, Angelo. 2016. Russia: Europa ou Asia? Curitiba: Curitiba: Prismas.
- Sharyshev, Alexander. 2016. Strategic partnership between Russia and China: importance and sustainability of bilateral relations. *Journal Comparative Politics Russia*. Disponível em: < [www.comparativepolitics.org/jour/article/view/440](http://www.comparativepolitics.org/jour/article/view/440) > .
- Standard chartered bank. 2019. One masterplan, six corridors. Standard Chartered Bank, London, 03 jan. < [www.sc.com/en/feature/one-masterplan-six-corridors/](http://www.sc.com/en/feature/one-masterplan-six-corridors/) > .
- Stent, Angela. 2018. The Sino-Russian Partnership and Its Impact on U.S. Policy toward Russia. *Asia Policy*, vol. 13, n. 1, 1-45.
- Stewart, Will; rahman, Khaleda. 2018. Putin's show of strength: Russia begins 'war games' by parading nuclear-capable missiles that can reach London and mobilising 300,000 troops and 36,000 tanks alongside Chinese forces in rehearsals for a 'large conflict'. *Daily Mail Online News*, London, 11 set. Disponível em: < [www.dailymail.co.uk/news/article-6154181/Russia-teams-China-launch-largest-military-drills.html](http://www.dailymail.co.uk/news/article-6154181/Russia-teams-China-launch-largest-military-drills.html) > .
- Sipri 2017. Military Expenditure Database. Solna: SIPRI Fact Sheet, August. Disponível em: < [www.sipri.org/databases/milex](http://www.sipri.org/databases/milex) > .
- The state council information office of the people's republic of CHINA. 2019. China's National Defense in the New Era. Beijing, julho.
- Tisdall, Simon. 2018. The epic failure of our age. *The Guardian*, London, 10 fev. Disponível em: < [www.theguardian.com/world/2018/feb/10/epic-failure-of-our-age-how-west-failed-syria](http://www.theguardian.com/world/2018/feb/10/epic-failure-of-our-age-how-west-failed-syria) > .
- Trenin, Dmitri. 2014. *The Ukraine Crisis and the Resumption of Great-Power Rivalry*. Moscow: Carnegie Moscow Centre.
- United nations. 1997. Russian Chinese Joint Declaration on a Multipolar World and the Establishment of a New International Order. A/52/153 — S/1997/387. United Nations, 20 mai. Disponível em: < [www.un.org/documents/ga/docs/52/plenary/a52-153.htm](http://www.un.org/documents/ga/docs/52/plenary/a52-153.htm) > .





- United nations. 1999. NATO action against Serbian military targets prompts divergent views as Security Council holds urgent meeting on situation in Kosovo. United Nations Security Council Press Release SC/6657, New York, 24 mar. Disponível em: < [un.org/press/en/1999/19990324.sc6657.html](http://un.org/press/en/1999/19990324.sc6657.html) > .
- United nations. 2007. United Nations 5619th Security Council meeting record S/PV.5619 (Provisional). United Nations, New York 12 jan. Disponível em: < [https://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/PV.5619](https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/PV.5619) > .
- United nations. 2008. United Nations 5933th Security Council meeting record S/PV.5933 (Provisional). United Nations, New York, 11 jul. Disponível em: < [https://www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/2008/447](https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2008/447) > .
- United nations. 2019. United Nations 8476th Security Council meeting record S/PV.8476 (Provisional). United Nations, New York, 28 fev. Disponível em: < [www.un.org/en/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/PV.8476](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/PV.8476) > .
- United nations comtrade dATABASE. 2019. International Trade in Goods and Services Visualisation. United Nations. Disponível em: < <https://comtrade.un.org/labs/dit-trade-vis/?reporter=643&type=C&year=2018&flow=2> > .
- Van der pijkl, Kees. 2014. The Discipline of Western Supremacy. Modes of Foreign Relations and Political Economy, Vol. III. London: Pluto Press.
- Van der pijkl. 2012. The Making of an Atlantic Ruling Class. New Edition. London/New York: Verso.
- Van der pijkl, 2006. Global Rivalries. From the Cold War to Iraq. London: Pluto Press.
- Wildau, Gabriel. 2016. China and Russia launch joint naval drills in South China Sea. Financial Times, Shanghai, 12 set. Disponível em: < [ft.com/content/918e30ec-78ad-11e6-97ae-647294649b28](http://ft.com/content/918e30ec-78ad-11e6-97ae-647294649b28) > .
- Xinhuanet. 2018. Xi, Putin, Modi agree to increase trilateral cooperation. Xinhua News, Beijing, 01 dez 2018. Disponível em: < [www.xinhuanet.com/english/2018-12/01/c\\_137643809.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2018-12/01/c_137643809.htm) > .
- Yinhong, Shi. 2015. The latest transfer in China's Foreign Strategy: from Military Strategy to Economic Strategy. Contemporary International Relations. Vol. 25, N° 2, March/April.

